

Leonardo Boff*

Fascismo versus democracia no Brasil e no mundo

Inegavelmente verifica-se um crescendo no mundo e também no Brasil de comportamentos políticos autoritários, da direita clássica e da extrem-direita com claros sinais de fascismo. O ícone desta ascensão autoritária e fascistóide é sem dúvida o Presidente estadunidense Donald Trump, com seu ufanismo MAGA (Make Amerika Great Again). Segue métodos violentos como se viu em seu apoio à guerra genocida de Netanyhau contra os palestinos da Faixa de Gaza, os bombardeios sobre o Irã e o ataque à Venezuela com o sequestro do presidente Maduro e de sua esposa, pondo o país sob administração norte-americana, como se fosse um protetorado.

O fascismo nasceu e nasce dentro de um determinado contexto de anomia, desordem social e crise generalizada como vimos no Brasil no governo de Jair Bolsonaro e um pouco em todas as partes do mundo. É fato que a hegemonia dos Estados Unidos está se esfacelando (mundo unipolar), com o surgimento de outros centros fortes de poder (mundo multipolar). Desaparece o mundo com regras, as certezas estabelecidas se debilitam. Ninguém consegue viver em paz com tal situação.

Cientistas sociais e historiadores como Eric Vögelin (Order and History, 1956; L. Götz, Entstehung der Ordnung 1954; Peter Berger, Rumor de Anjos: a sociedade moderna e redescoberta do sobrenatural, 1973), mostraram que os seres humanos possuem uma tendência natural para a ordem. Lá onde se assentam, criam logo uma ordem e o seu habitat. Exemplo claro nos dá o Movimento dos Sem Terra (MST): lá onde ocupam terras, estabelecem, em primeiro lugar, certa ordem, preservar as fontes de água, conservar a floresta em pé, construir um centro comunitário e distribuir lotes para moradia e produção.

Quando desaparece, usa-se comumente a violência para impor a ordem. “O Leviatã” de Thomas Hobbes de 1651 (ed. Vozes 2020) elaborou o arcabouço teórico desta necessidade de ordem criada pelo uso da força. Todos os impérios, desde aquele dos romanos até o russo e o atual norte-americano, especialmente sob Trump, não ocultam sua excepcionalidade e se acercam ao Estado descrito por Hobbes, sempre alegando razões de segurança.

O nicho do fascismo, portanto, encontra seu nascedouro nesta desordem. Assim o final da Primeira Guerra Mundial gerou um caos social, especialmente na Alemanha e na Itália. A saída foi a instauração de um sistema autoritário, de dominação que capturou a representação política, mediante um único partido de massa, hierarquicamente organizado, enquadrando todas as instâncias, a política, a economia e a cultural numa única direção. Isso só foi possível mediante um chefe (Führer na Alemanha e o Duce, na Itália) que organizaram um Estado corporativista autoritário e de terror.

Como legitimação simbólica cultuavam-se os mitos nacionais, os heróis do passado e as antigas tradições, geralmente num quadro de grandes liturgias políticas com a inculcação da ideia de uma regeneração nacional. Esta visão foi tão tentadora que capturou, por um curto tempo, o maior filósofo do século XX, Martin Heidegger e feito reitor da Universidade de Friburgo i. B. Especialmente na Alemanha os seguidores de Hitler se investiram da convicção de que a raça alemã branca é “superior” às demais com o direito de submeter e até de eliminar as inferiores.

Nos USA, atualmente, o supremacismo da raça branca encontra nessa visão seu embasamento prático. No Brasil a estratégia do governo de Bolsonaro foi perversa: destruir todo um passado seja na cultura, nas leis sociais e ambientais, seja nos costumes e implantar um regime com nítidos indicadores do pre-iluminismo, inspirados pelo lado escuro do passado.

A palavra fascismo foi usada pela primeira vez por Benito Mussolini em 1915 ao criar o grupo “Fasci d’Azione Revolucionaria”. Fascismo se deriva do feixe (fasci) de varas, fortemente amarradas, com um machado preso ao lado. Uma vara pode ser quebrada, um feixe, é quase impossível. Em 1922/23 fundou o Partido Nacional Fascista que perdurou até sua derrocada em 1945. Na Alemanha se estabeleceu a partir de 1933 com Adolf Hitler que ao ser feito chanceler criou o Nacionalsocialismo, o partido nazista que impôs ao país dura disciplina, vigilância e pavor.

O fascismo se apresentou como anti-comunista, anti-capitalista, como uma corporação que vai além das classes e cria uma totalidade social cerrada. A vigilância, a violência direta,

o terror e o extermínio dos opositores são características do fascismo histórico de Mussolini e de Hitler e entre nós de Pinochet no Chile, de Videla na Argentina e no governo de Figueiredo e Médici no Brasil.

O fascismo nunca desapareceu totalmente, pois sempre há grupos que, movidos pelo arquétipo fundamental da ordem, querem impô-la até com violência. Em nome desta ordem o governo de Bolsonaro fez emergir o lado sombrio de nossa alma brasileira usando a violência simbólica (fake news) e real, defendendo a tortura e torturadores, a homofobia e outras distorções sociais.

O fascismo sempre foi criminal. Criou a Shoah (eliminação de milhões de judeus e outros). Usou a violência como forma de se relacionar com a sociedade, por isso nunca pode nem poderá se consolidar por longo tempo. É a perversão maior da sociabilidade que pertence à essência do ser humano social. No Brasil ganhou uma forma trágica: o governo de Jair Bolsonaro se opôs à vacina contra o Covid-19, estimulou as conglomeradas de pessoas, ridicularizou o uso da máscara e não mostrou qualquer sentido de empatia pelos familiares, pois deixou morrer mais de 300 mil dentre os 716.626 vitimados.

Querendo se perpetuar no poder, Bolsonaro forjou uma organização criminosa com militares de alta patente e outros, tentando dar um golpe de estado com o eventual assassinato das mais altas autoridades a fim de impor sua visão tosca do mundo. Mas foram denunciados, julgados e condenados pelo STF e assim nos livramos de um tempo de trevas e de crimes hediondos.

Nas eleições gerais deste ano de 2026 provavelmente surgirá o fascismo que subsiste. Combate-se este fascismo com mais democracia e com povo na rua. Deve-se enfrentar as razões dos fascistas com a razão sensata e com a coragem de reafirmar os riscos que todos corremos. Deve-se combater duramente quem usa da liberdade para eliminar a liberdade. Devemos unir-nos para preservar vidas e a democracia.

***Leonardo Boff: artigo publicado na revista LIBERTA do Instituto Conhecimento Liberta- São Paulo.**

Tales Faria

Toffoli provoca supremo desgaste na imagem do Supremo

Se o leitor procurar na internet, dificilmente encontrará quando o ministro Gilmar Mendes, do Supremo Tribunal Federal (STF), teria dito a famosa frase: “Nós somos supremos!” No sentido de que eles, ministros do STF, são uma espécie de deuses do Olimpo, inalcançáveis pelas regras que regem os seres humanos comuns.

Achará uma menção do ministro durante a abertura do 26º Congresso Internacional de Direito Constitucional, em 17 de outubro de 2023, quando Gilmar Mendes na verdade falava em sentido contrário. Estava criticando discursos populistas em que manifestantes, no caso, bolsonaristas, rejeitavam decisões do Judiciário como se dissessem “supremos somos nós!”.

O que vai entrar para a história nesse caso não é o fato em si, mas, sim, que os ministros do Supremo se consideram supremos. Este sentido é que foi reproduzido em inúmeros artigos, inclusive de juristas, e assim ficou.

A pergunta é: por que pegou a frase desta forma? Porque ela reproduz a verdade por trás dos fatos: os ministros do Supremo Tribunal Federal, muitas vezes, se acham acima dos demais mortais – supremos. Comportam-se como se não tivessem que prestar contas de seus atos a ninguém.

É o caso agora do ministro Dias Toffoli, que nesta quarta-feira, 14, mandou a Polícia Federal entregar todos os itens apreendidos na segunda fase da operação Compliance Zero diretamente ao Supremo, “lacrados e acautelados”, até que ele faça uma avaliação do material.

“Determino que todos os bens e materiais apreendidos

por força do cumprimento da decisão por mim anteriormente proferida, e aqueles resultantes do cumprimento da presente, deverão ser lacrados e acautelados diretamente na sede do Supremo Tribunal Federal, até ulterior determinação”, sentenciou o ministro.

A Polícia Federal ficou sem saber por quanto tempo ficaria sem acesso ao material e se precisaria do aval de Toffoli para qualquer análise dos dados e avançar na investigação.

Ao final do dia, o ministro voltou atrás. Determinou que a PF envie à PGR (Procuradoria-Geral da República) o material apreendido na operação desta quarta-feira e que a instituição – e não a PF – realize a extração e análise de todas as provas.

Não ficou resolvida a preocupação com celulares e outros equipamentos eletrônicos apreendidos. Em operações semelhantes, a PF costuma extrair o conteúdo desses aparelhos logo em seguida à apreensão para evitar danos, bloqueios e apagamentos remotos de senhas e de informações fundamentais para a investigação. A decisão do ministro pode gerar risco de perda de provas relevantes.

Toffoli já havia determinado que todo o caso subisse para o STF porque haveria um político citado – dizem que marginalmente. Depois impôs sigilo total.

A mídia revelou que ele mantinha relações de amizade por mais de trinta anos com o advogado Roberto Podval, um dos responsáveis pela defesa de Daniel Vercaro, o dono do Banco Master.

Segundo o jornal Folha de S.Paulo, em 2011 ele fez parte de um seleto grupo de 200 convidados para o casamento

de Podval na ilha de Capri, com hospedagem no luxuoso cinco estrelas Capri Palace custeada pelo noivo. Mais recentemente, ele viajou para a final da Taça Libertadores, no Peru, a bordo do jatinho do empresário Luiz Osvaldo Pastore, também ligado ao Master.

Não quer dizer que o ministro tenha se vendido a Vercaro, Podval, Pastore, ou quem quer que seja.

Mas é a tal citação que levou o imperador de Roma a punir sua própria esposa: não basta à mulher de Cesar ser honesta, ela tem que parecer honesta. Não basta honestidade aos ministros do Supremo, eles precisam parecer honestos. Caso contrário, aparentarão desonestidade ou se achar supremos. Como parece que estão se achando.

Por falar em esposas, Viviane Barci casada com outro ministro do STF, Alexandre de Moraes, se tornou também foco da mídia desde a revelação de contrato de seu escritório de advocacia com gigantes privados da educação e da saúde que têm casos que tramitam na Corte, assim como o próprio Banco Master.

A “Folha de S.Paulo” publicou que entre os clientes de 31 processos nos quais ela aparece como advogada a maior parte chegou ao tribunal após Moraes tomar posse, em 22 de março de 2017.

Vale sublinhar novamente: nada disso significa que há comprometimento dos ministros. A atuação de Viviane Bacci, por exemplo, é absolutamente legal.

Mas está mais do que na hora de o STF redefinir regras de relacionamento dos integrantes da Corte e de seus familiares com assuntos em pauta.